

O mal como preceito epistemológico do jornalismo

Evil as an epistemological precept of journalism

Rodrigo César C. Lima

rodrigo_lima@usp.br

Graduado em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com período sanduíche no Institut d'Études Politiques de Paris. Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Mestrando em Filosofia da Linguagem pela Universidade de São Paulo.

Anderson Vinícius Romanini

vinicius.romanini@usp.br

Professor Doutor no Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É editor-científico da revista SEMEIOSIS (Revista Transdisciplinar de Semiótica e Design), pesquisador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC), do Centro de Lógica e Epistemologia da Ciência (CLE/Unicamp). Foi presidente da Sociedade Brasileira de Ciência Cognitiva (SBCC) entre 2015 e 2019.

Resumo

O conceito de mal desempenha um papel importante na constituição do campo comunicacional e esse fator pode ser verificado estatisticamente no caso das pautas veiculadas pela grande mídia. Tomando o mal como uma espécie de dano intolerável produzido a partir de uma transgressão culpável, demonstramos por meio de um extensivo levantamento de notícias que a maioria se refere a temáticas que orbitam o problema do mal – a título de exemplo, utilizamos a rede estadunidense CNN e o jornal brasileiro *Folha de S. Paulo* como casos paradigmáticos. Propomos que essa *inclinação negativa* na cobertura jornalística é um fator epistemológico da própria natureza da comunicação social. Sugerimos, por fim, uma revisão na epistemologia tradicional do jornalismo de forma a incluir o problema do mal como condição de possibilidade no processo de seleção dos acontecimentos noticiados.

Palavras-chave: jornalismo, problema do mal, epistemologia.

Abstract

The concept of evil plays an important role in the constitution of the communicational field and this factor can be verified statistically in the case of news published by the media. Taking evil as an intolerable harm produced by a culpable transgression, we demonstrate through an extensive survey of news that most of them refer to themes surrounding the problem of evil – as an example of this fact, we cite the work of the American network CNN and the Brazilian newspaper *Folha de S. Paulo* as paradigmatic cases. We propose that this *negative inclination* in news coverage is an epistemological factor concerning the very nature of social communication. Thus, we suggest a review of the traditional epistemology of journalism in order to include the problem of evil as a condition of possibility regarding the process of selecting events to be turned into news.

Keywords: journalism, problem of evil, epistemology.

“Media scholars who tally news stories of different kinds, or present editors with a menu of possible stories and see which they pick and how they display them, have confirmed that the gatekeepers prefer negative to positive coverage, holding the events constant” (Steven Pinker, The media exaggerates negative news [2018]).

1. Introdução: a compreensão do problema

Não é coincidência que o provérbio “notícia ruim chega depressa!” tenha surgido na França, há cerca de

três séculos, na medida em que aumentava o número de jornais e a circulação da informação naquela sociedade. A correlação era direta: quanto pior a notícia, mais rápido ela viria à tona (De Lacerda *et al.*, 2004, p. 339). Ainda hoje, sobretudo com o advento da era digital e da possibilidade de transmissão da informação em tempo real, o jornalismo confirma que a notícia ruim tende a se sobrepor na disputa pela atenção cognitiva do público consumidor – veículos como a CNN estadunidense ou a *Folha de S. Paulo* brasileira, por exemplo, estão carregados de pautas negativas (como veremos a seguir). Isso não é casuístico. A história do jornalismo está repleta de episódios em que foram enfatizados os aspectos negativos de personagens e instituições de interesse público (Albert e Terrou, 1990).

1 No original, em francês: “Les nouvelles vont vite et les mauvaises nouvelles encore plus vite”.

De fato, os veículos de comunicação contemporâneos tendem a confirmar a hipótese de que fatos negativos são incluídos na produção noticiosa de maneira muito mais rápida do que fatos positivos ou neutros.

No entanto, investigações sobre um padrão tão recorrente são paradoxalmente raras. A questão que se coloca é: por que o mal e os fatos negativos que dele se derivam são mais propícios à produção noticiosa? Em termos epistemológicos, quais seriam as vantagens dessa prática que parece vinculada à deontologia das atividades profissionais de comunicação social? Nossa hipótese é de que a comunicação social daquilo que é valorado negativamente se coloca sempre na dianteira do emaranhado de dados intersubjetivos que comunicamos uns aos outros, o que revelaria um componente importante em uma teoria do conhecimento vinculada ao campo comunicacional. E a notícia, tomada aqui como o produto principal do sistema de produção profissional da comunicação, parece confirmar essa percepção. Assim, é importante verificar se a reiterada menção a fatos negativos nos veículos midiáticos implicaria que o mal seja uma das condições de possibilidade para a comunicação humana, em geral, e para a produção da notícia, em particular.

No intuito de abordarmos essas questões, escolhemos percorrer um caminho que nos permita verificar como essa hipótese se reflete ao longo do processo de elaboração noticiosa. Assim, em primeiro lugar, realizaremos uma breve incursão a respeito de uma possível definição no que concerne ao mal (i). Em seguida, iremos observar como essa noção pode estar atrelada à formação de condutas determinadas, que aventam a maximização do bem e a redução do mal a partir do terreno comunicacional (ii). Logo após essa consideração, investigaremos empiricamente se essa tendência é de fato refletida na própria prática noticiosa da grande mídia a partir de um levantamento das pautas elaboradas por dois veículos de matrizes distintas – a CNN, nos EUA, e a *Folha de S. Paulo*, no Brasil (iii). Por último, refletiremos sobre as razões pelas quais o mal “ganha a dianteira” tanto no aspecto comunicacional quanto na prática noticiosa, a fim de conjecturarmos a respeito de uma (nova) epistemologia para a comunicação e sua implicação ao jornalismo (iv).

2. O problema do mal no interior da comunicação humana

Dado o grande volume de investigações sobre o problema do mal, é necessário assumirmos uma definição para o conceito. De fato, trata-se de um dos tópicos filosóficos dos mais amplos e antigos da humanidade, tema que esteve presente na fundamentação de tradições inteiras de pensadores que se debruçaram sobre o papel da

condição humana no mundo². E não é difícil compreender por que questionamentos sobre a natureza do mal tenham sido objeto de teorias tão diversas. Não raramente, os indivíduos sofrem com as intempéries da vida: mortes, acidentes violentos, irresponsabilidades de diversos tipos; episódios dessa natureza eventualmente marcam a experiência das pessoas direta ou indiretamente.

Nesse sentido, uma das reflexões que a nosso ver é bastante pertinente, justamente por seu caráter *pré-filosófico*, uma vez que baseada em uma análise pragmática de episódios cotidianos, aparece com Cláudia Card. A pesquisadora norte-americana define o mal como “intoleráveis danos previsíveis produzidos por transgressões culpáveis”³ (Card, 2002, p. 3). Ou seja, o mal pressupõe a consciência de que eventos danosos poderiam ser evitados se uma conduta prudente e responsável fosse adotada; quando agentes humanos planejaram ou falharam na execução de uma ação que, em tese, seria evitável (2002, p. 4-5). O que chamamos aqui de caráter *pré-filosófico* se verifica na observação de que determinadas ações são absolutamente inexcusáveis, quando nenhuma sorte de defesa ou malabarismo mental seria possível no intuito de defender o autor da ação. Tal como a própria pesquisadora americana prenuncia, circunstâncias como a pedofilia ou a violência conjugal seriam aqui paradigmáticas⁴. A elas não caberia nenhuma outra definição que já não residisse em um conceito prévio de mal. A fim de ilustrarmos tal perspectiva, poderíamos sugerir uma experiência mental com base no próprio debate aventado pela autora. Um ditador que abandona seu povo à pobreza e à fome para cuidar de seus interesses particulares é um agente do mal uma vez que, se tivesse agido de outra maneira, teria governado de forma melhor e mais justa. Alguém que comete um latrocínio age com crueldade porque, se tivesse ponderado sobre a culpabilidade de seus atos, não haveria de matar suas vítimas. Deste modo percebemos pelos exemplos acima, discutidos vezes a fio na obra da autora, que podemos considerar o mal como o resultado de um episódio no qual os agentes da ação procederam de maneira imperdoável; isto é, suas ações teriam a propriedade de serem repreensíveis e condenáveis sob todo e qualquer aspecto possível (Card, 2002, p. 17). Uma consequência da adesão à interpretação da autora é a de que devemos distinguir entre ações maldosas, intencionalmente realizadas por seres humanos autônomos, e fatalidades negativas, tais como efeitos danosos causados por catástrofes naturais

2 A título de curiosidade, podemos citar aqui a escola dos estoicos, por exemplo. Em termos individuais, cabe a menção ao nome de Leibniz, um dos grandes filósofos que se deteve sobre o assunto. Hannah Arendt é outra especialista que poderia ser aqui lembrada. Note-se que o tema é verdadeiramente amplo.

3 No original, em inglês: “foreseeable intolerable harms produced by culpable wrongdoing”.

4 Observar com especial atenção os capítulos 6 e 7 da obra da autora.

e outras ocasiões que, ao menos em teoria, escapariam ao controle humano. Para ela, aos desastres dessa magnitude nenhum valor poderia ser imputado. Nesse sentido, a análise da acadêmica americana é também antiespeculativa e antimetafísica – a alcunha de “mal” caberia apenas ao que é intencionalmente praticado (exercido) por uma esfera racional.

O caso é que esses acontecimentos maléficos – a exemplo de latrocínios, estupros, genocídios, etc. –, tomados aqui enquanto ações inexcusáveis ao modo sugerido por Card, parecem ser especialmente interessantes, relevantes e informativos para a cobertura jornalística. São temáticas disruptivas, impactando a sociedade de um tal modo que sua retratação na mídia é circunstância quase obrigatória. Por esse ângulo, a correlação entre um “fato negativo” e sua cobertura em veículos de comunicação é de altíssima frequência. Não é coincidência, portanto, que a ampla maioria das pautas jornalísticas tenha como objeto de sua análise algum evento diretamente relacionado com algo da alçada do mal. A nosso ver, a mera premissa de que um “acontecimento de grandes proporções” é notícia não vale aqui. Afinal, bastaria notar que diante de dois fatos, um positivo e outro negativo, o segundo, de cunho negativo, estatisticamente repercute com maior grau de comção pública do que o primeiro – e isso se reflete na notícia a ser transmitida (Legg e Sweeney, 2013, p. 279-280). Ora, e o que faz de um episódio da alçada negativa “ganhar” em relevância se comparado a outras ocorrências na medida em que ambos os eventos possuiriam a mesma disposição factual? Afinal, ambos são “meros” fatos no mundo⁵. Uma resposta possível seria a de que o fato negativo despertasse maior apelo emocional, por exemplo. Isso, no entanto, a sugestão de que a transmissão da informação se dê majoritariamente com base na difusão do caráter emocional que evoca, é algo com o qual não concordamos. Deve haver algum outro traço mais profundamente objetivo que nos auxilie a apreciar a questão por outro modo; deve haver algum estatuto objetivo que nos permita declarar serem as pautas negativas mais informativas e, portanto, mais importantes ao sujeito que se comunica.

Note-se ainda que, mesmo no caso de uma circunstância traumática que não possa ser imputada a nenhum agente racional (ao modo de um terremoto ou furacão, tal como sugere Card), é difícil dissociar a representação de uma tragédia desse teor de algum outro fator essencialmente negativo. A nosso ver, em civilizações complexas onde o jornalismo se desenvolve como atividade socialmente organizada em torno de preceitos e técnicas

5 Essa reflexão aparece com especial acuidade no pensamento de Wittgenstein, por exemplo. Para o austríaco, o mundo é feito dos fatos, mas os valores que alocamos a cada um desses episódios não estão no mundo. Observar os aforismos 1.1 e 6.41 do *Tractatus Logico-Philosophicus*, respectivamente.

específicas, a cadeia de causalidades e inferências lógicas que nos possibilita a transformação dos fatos brutos em acontecimentos sociais já não permite uma separação binária entre fatos naturais e fatos culturais. Um terremoto que mate moradores (e/ou turistas) obriga jornalistas a questionarem sobre a existência de investimento governamental na prevenção e evacuação das populações em risco⁶. Uma tragédia dessa alçada exigiria que os jornalistas investigassem as decisões tomadas em concreto no decorrer específico de cada situação – reportando, inclusive, a respeito do papel desempenhado pelas vítimas que eventualmente tenham tomado decisões arriscadas⁷. No caso do jornalismo (e isso é algo para o qual Card não atenta), uma mesma consideração envolveria fatos negativos produzidos por agentes racionais ou naturais. Portanto, assumiremos aqui a hipótese de que toda notícia com componentes negativos pressupõe ao menos a possibilidade de transgressões culpáveis em algum setor das sociedades complexas contemporâneas – e isso é justamente o que faz com que fatos brutos da realidade possam ser transformados em narrativas jornalísticas sobre acontecimentos de interesse social. Nesse sentido, curiosamente, ao menos no jornalismo, o mal sempre exigirá um sujeito. A ocorrência negativa, ainda que escapando às mãos do indivíduo, é sempre retrabalhada de modo que o mal assuma uma perspectiva bem definida ao público leitor. Isso se daria pela razão de que, ao identificarmos o mal – e o agente de tal ação negativa –, a conduta dos atores sociais seria facilitada, pois que uma análise do fato a ser transformado em notícia seria simplificada de antemão ao grande público.

Temos a expectativa de que nossos hábitos de conduta sejam pautados por normas que tendam, no geral, a maximizar o bem e a reduzir o mal. Um fato repreensível e condenável nos será comunicado socialmente pela razão de quebrar as expectativas habituais da conduta responsável, pois que se isto de outro modo fosse, ações ruins e negativas seriam recorrentes em nossa sociedade – mesmo ações terrivelmente negativas seriam legitimadas. Esse “alerta” comunicacional nos avisa de que algo não ocorreu dentro dos conformes estabelecidos; trata-se de um “sobrevivo”. Assim, quando um fato negativo ocorre

6 Todos os exemplos citados ao longo do artigo encontram eco no *corpus* de nossa própria pesquisa – foram pensados com base nas notícias catalogadas ao longo do ano em que a pesquisa foi realizada. Por exemplo, uma das manchetes da *Folha de S. Paulo* no dia 15.09.17 (sexta-feira) foi a seguinte: “Terremoto no México pode afetar eleição de 2018”. A partir do terremoto questionava-se o plano de ação das autoridades.

7 Tal como no caso da cobertura das enchentes em Mumbai, Índia, em 01.09.17 (sexta-feira). A manchete exibida pela CNN anunciava: “Like a house of cards: Residents living in fear as building collapse kills dozens”. A matéria trazia à tona o estado de desamparo dos moradores e se questionava acerca dos motivos que levaram as vítimas a “assumirem o risco” de viver em tais condições e seu escopo de ação no momento das enchentes.

(tal como no caso de um assassinato, roubo, estupro), há uma ocorrência que exige a alteração de nossa conduta ou mesmo qualquer outra sorte de readequação que não seja a habitual. Ora, se sabemos que um local é assolado pela violência, podemos exigir melhorias⁸; se somos alertados de que determinado indivíduo foi um político autoritário no passado, podemos escolher outro governante; e assim sucessivamente⁹. O mal assume a dianteira na transmissão da informação, porque implica uma transformação imediata dos hábitos e das ações – o mal exige uma resposta, uma alteração de conduta. Há inclusive a hipótese de que, do ponto de vista psicológico, a informação estruturada pelo viés negativo fornece maior poder de reação cognitiva se comparada a outros valores (Legg e Sweeney, 2013). Não é sem razão, portanto, que possamos conjecturar que dados negativos tragam consigo maior valor cognitivo; apesar disso, curiosamente, a “falta de atenção científica é particularmente problemática à luz de evidências que sugerem que os receptores das notícias possuam fortes preferências quanto ao modo de recebimento das notícias boas e ruins”¹⁰ (Legg e Sweeney, 2013, p. 279). Em resumo, ocorrências negativas e, portanto, da alçada do mal, mobilizariam um valor informativo mais significativo.

Portanto, a necessidade da comunicação humana em transmitir o mal desemboca na construção da outra – a notícia. Surge, então, uma nova hipótese epistemológica para o campo da comunicação por meio da notícia. As notícias são negativas (em sua ampla maioria) porque o aprendizado do que seja o mal é mais necessário para a ação imediata do indivíduo. O sujeito pode se precaver daquilo que potencialmente poderia arruinar seu cotidiano. É nesse sentido que o problema do mal se torna crucial para a epistemologia do jornalismo. Esse fenômeno não passou de todo despercebido entre os teóricos, ainda que não tenha sido completamente explicitado. Galtung e Ruge (1965), em um estudo pioneiro dos valores-notícia, já afirmavam que

Há uma assimetria básica na vida entre o positivo, que é dificultoso e leva tempo, e o negativo, que é muito mais

fácil e leva menos tempo – compare-se a quantidade de tempo necessário para que se eduque e socialize uma pessoa adulta e a quantidade de tempo necessária para matá-la em um acidente: a quantidade de tempo necessário para construir uma casa e destruí-la em um incêndio, para construir um avião e derrubá-lo, e assim por diante. O positivo não pode ser fácil demais, pois então teria um baixo valor de escassez. Portanto, um evento negativo pode se desdobrar completamente com mais facilidade entre duas edições de um jornal ou em duas transmissões noticiosas – isto, para um evento positivo, é muito mais difícil e específico (Galtung e Ruge, 1965, p. 69).¹¹

Tal como os acadêmicos noruegueses nos relembram, o mal chama a atenção porque possui uma grande probabilidade de desdobramento – é uma espécie de desdobramento mais rápido, que facilita e catalisa a cobertura jornalística. Não é sem razão, portanto, que postulamos ser esta uma das principais razões pelas quais o mal reverbera diretamente na notícia. O jornalismo nos informaria, então, acerca de como podemos nos preservar, auxiliando em nosso modo de agir futuro, ao nos municiar com possibilidades naquilo que concerne a uma determinada alteração de conduta. Tal hipótese pode ser verificada na cobertura da grande mídia – e uma vez verificada, como acreditamos ser o caso, exigirá uma razão teórica para tanto, tarefa esta que também pretendemos explicitar a seguir.

3. Análise de caso

Vejam os dois exemplos diversos a fim de ilustrar que tal tendência – a retratação ostensiva do mal – permanece a despeito de sua inserção em matrizes culturais diversas (no caso desse artigo, os EUA e o Brasil). Ademais, percebe-se ainda que falamos de dois veículos de difusão de naturezas distintas. No primeiro caso, abordaremos empiricamente a produção noticiosa da CNN e, em um segundo momento, faremos o mesmo com a *Folha de S. Paulo*. Trabalhamos com tais veículos por conta da maior facilidade na catalogação das notícias com base em nossa disponibilidade para levantar o material. Ademais, há maior facilidade de acesso aos dados e matérias disponibilizados

8 A exemplo do que apareceu na CNN em 10.02.17 (sexta-feira). Observar a manchete: “Wave of deadly violence follows police walkout in Brazilian city”. Aqui a televisão americana relata a respeito das greves dos policiais no Espírito Santo que ocasionaram o aumento significativo da onda de violência no estado.

9 Tal como expõe a *Folha de S. Paulo* em 06.10.17 (sexta-feira). A manchete “Tendência para o autoritarismo é alta no Brasil, diz estudo” sugere que no país algumas pessoas compactuariam com valores antidemocráticos e certos políticos representariam um perigo ao enveredarem por uma direção similar.

10 É importante ressaltar que no estudo mencionado as autoras demonstram que as notícias negativas possuem um destaque informativo muito maior do que sua contraparte; isto é, via de regra, a partir da experiência aventada pela dupla de pesquisadoras, a esmagadora maioria dos indivíduos, diante da escolha entre o recebimento de uma notícia boa ou ruim, prefere a segunda.

11 No original: “There is a basic asymmetry in life between the positive, which is difficult and takes time, and the negative, which is much easier and takes less time – compare the amount of time needed to bring up and socialize an adult person and the amount of time needed to kill him in an accident: the amount of time needed to build a house and to destroy it in a fire, to make an airplane and to crash it, and so on. The positive cannot be too easy, for then it would have low scarcity value. Thus, a negative event can more easily unfold itself completely between two issues of a newspaper and two newscast transmissions – for a positive event this is more difficult and specific.”

pelos veículos – a internet/televisão no caso da CNN¹² e a versão impressa (jornal) no caso da *Folha*. Ao longo do ano de 2017, em todas as segundas e sextas-feiras, catalogamos todas as notícias disponíveis na versão impressa da *Folha de S. Paulo* (o jornal). Quanto à rede americana (CNN), elencamos e catalogamos todas as “top stories”¹³ que a empresa disponibilizava sempre às sextas-feiras ao longo de todo o ano de 2017. Catalogamos 318 notícias no caso da CNN e 3.422 no caso da *Folha*. Para efeito de análise, e melhor agrupamento das notícias, na medida em que algumas temáticas se repetiam vezes a fio, decidimos agrupá-las tanto em “editorias” quanto no mote de “histórias mais abordadas”. Ademais, é curioso notar ainda que mesmo as “histórias mais abordadas” são típicas da alçada do mal; enveredam, em linhas gerais, por temáticas similares, de inclinação negativa.

É necessário destacar também que definimos (em nossa catalogação) como sendo o mal exatamente o que citamos acima a partir da definição de Card¹⁴ – e, além disso, consideramos ainda como o mal apenas aquilo que nos parece ser o que invariavelmente desejamos evitar, o que é indubitavelmente um episódio negativo sob todos os aspectos (guerras, atentados terroristas, tragédias humanitárias, incidentes diplomáticos, episódios de corrupção, etc.). Tais circunstâncias não nos parecem defensáveis sob nenhum aspecto. A nosso ver, nenhum indivíduo em sã consciência tenderia a crer que guerras, atentados terroristas, tragédias humanitárias, incidentes diplomáticos, episódios de corrupção fossem coisas boas ou desejáveis. Essa mesma percepção pode ser bem resumida nas análises filosóficas de Madden e Hare. A dupla de filósofos observa que o mal pode ser exemplificado em situações que desejamos evitar peremptoriamente. Por esse viés, o mal tipificaria entre outras coisas “as transgressões morais, tais como o ato de mentir, enganar, roubar, torturar e assassinar e defeitos de caráter como ganância, engano, crueldade, devassidão, covardia e egoísmo”¹⁵ (Madden e Hare, 1968, p. 6). Com tal definição em mente, obtivemos os seguintes dados com relação à produção noticiosa de ambos os veículos:

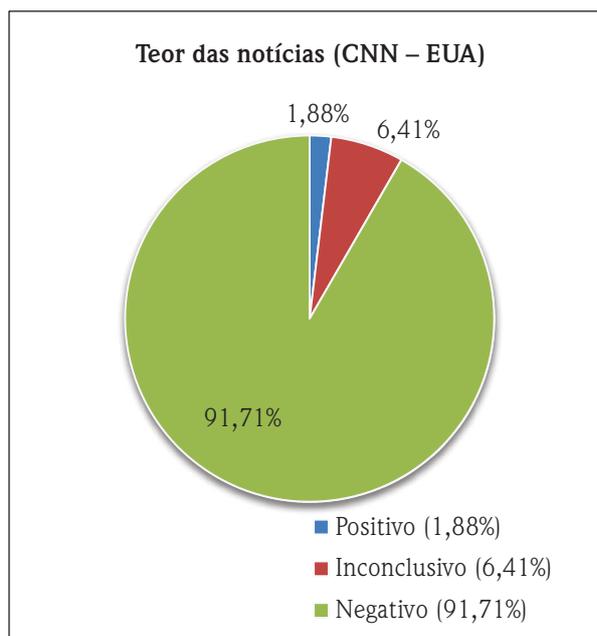
12 A maioria das matérias no site da CNN é consequência ou reverberação de pautas televisivas. Isto é, o fato primeiro aparece na televisão e, logo em seguida, a empresa realiza o “upload” das mesmas matérias em seu site.

13 Modo como o veículo seleciona as notícias que, para ele, são as mais importantes do dia.

14 Relembrando: “intoleráveis danos previsíveis produzidos por transgressões culpáveis” (Card, 2002, p. 3).

15 No inglês, originalmente: “moral wrong-doing such as lying, cheating, stealing, torturing, and murdering and character defects like greed, deceit, cruelty, wantonness, cowardice, and selfishness”.

1. Tabela – Teor das notícias da CNN (EUA)



Fonte: Autoria própria.

Figura 1 (Gráfico 1): De 318 notícias analisadas ao longo do ano de 2017, sempre às sextas-feiras (contando exclusivamente as manchetes e as cinco “top stories” que figuram no site da organização), mais de 91% eram negativas.

2. Tabela – Divisão das editorias da CNN (EUA)



Fonte: Autoria própria.

Histórias mais abordadas

Controvérsias (18,9%)

Diplomacia (17,6%)

Conflitos (8,4%)

Atentados, ataques e ameaças terroristas (6,2%)

Administração de governo (4,4%)

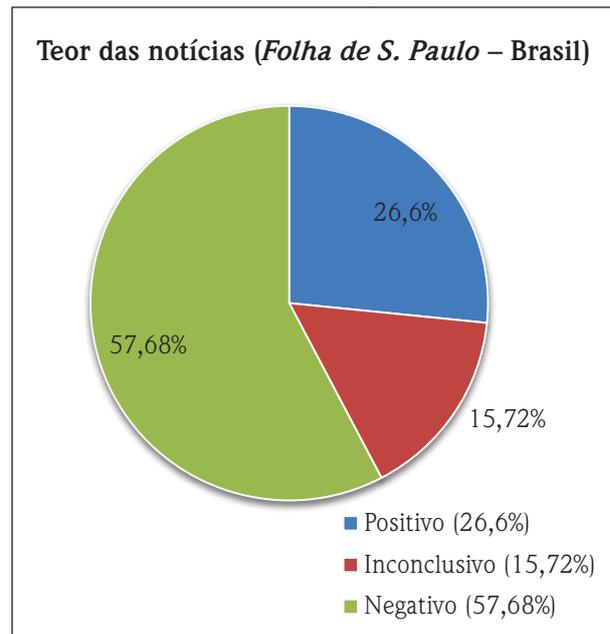
Mortes e mortes em massa (4,4%)

Total: 318 pautas (em 318 pautas foram 70 temáticas catalogadas)

Note-se que propusemos anteriormente, na abertura do artigo, que as notícias negativas, ao menos em tese, deveriam ser predominantes na discussão noticiosa – e esse é justamente o caso da rede norte-americana CNN. Empiricamente (estatisticamente), ao adotarmos a concepção de Card como expressão paradigmática no que se relaciona a uma definição do conceito de “mal”, subsiste aqui uma correlação bastante observável entre esse aspecto e a notícia; afinal, dentre 318 notícias analisadas, mais de 90% versavam a respeito de ações exercidas por agentes racionais que, em tese, seriam evitáveis – disputas governamentais, que ameaçavam enveredar por alguma sorte de conflito, foram fartas no decorrer do período. A hipótese endossada anteriormente – a de que fatos negativos carregam consigo um viés informativo muito maior do que fatos positivos, angariando com isso maior cobertura midiática – reverbera também neste caso; do contrário, deveríamos observar outra tendência valorativa na apreciação dos fatos.

A nosso ver, tomando por base os estudos de Galtung e Ruge (1965), tal como vimos anteriormente, fatos positivos deveriam ser compreendidos como bônus de alguma sorte de conduta adequada a algo que já vem funcionando a longo prazo. No caso negativo, porém, dá-se o contrário: o mal é de caráter imediatista. O indivíduo deve automaticamente reajustar seu procedimento para com a realidade a fim de evitar um aspecto negativo que possa acometê-lo. É de se questionar, inclusive, se as categorias relacionadas aos valores-notícia não se remeteriam, em último caso, aos graus de ruptura com expectativas cotidianas. Como o mal é a ruptura por excelência, no limite, ele seria a própria condicionante dessas categorias. Melhor ainda: antes mesmo que os fatos pudessem adquirir esta ou aquela avaliação em um possível exame epistemológico a respeito dos valores-notícia, o jornalista, muito rapidamente, precisaria realizar uma primeira escolha, que nada mais seria do que uma avaliação inicial do escopo do fato – se positivo ou negativo, se bom ou mau. O fato de que o mal se repita vezes a fio na produção noticiosa se deve, então, a alguma catalisação cognitiva, a exigir uma resposta imediata, caráter este que sua contraparte não possuiria. O fato negativo, portanto, possuiria maior capacidade de desdobramento. Essa tendência pode ainda ser observada em outros veículos jornalísticos. Vejamos o caso da *Folha de S. Paulo*:

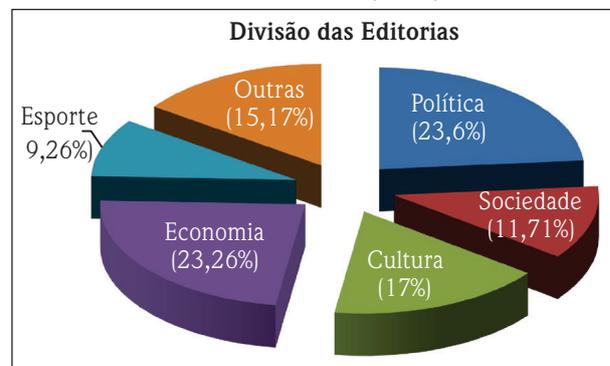
3. Tabela – Teor das notícias da *Folha de S. Paulo* (Brasil)



Fonte: Autoria própria.

Figura 3 (Gráfico 3): De 3.422 notícias analisadas ao longo do ano de 2017 (contando exclusivamente edições impressas às segundas e sextas), mais de 57% eram negativas.

4. Tabela – Divisão das editorias da *Folha de S. Paulo* (Brasil)



Fonte: Autoria própria.

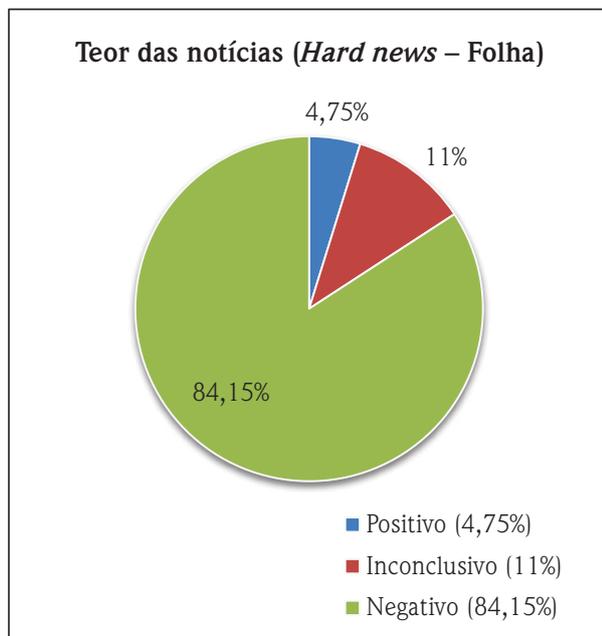
Histórias mais abordadas

- Controvérsias (7,8%)
- Corrupção (6,4%)
- Mortes (3,4%)
- Futebol (3,3%)
- Legislação (2,2%)
- Administração de governo (1%)

Total: 3.422 pautas (em 3.422 pautas foram 592 temáticas catalogadas)

Por outro lado, se nos ativermos única e exclusivamente às “hard news”, às notícias factuais brutas, aquilo que de fato precisamos “ficar sabendo a respeito”, a quantidade de notícias negativas presentes no jornal aumenta dramaticamente. Observemos:

5. Tabela – Teor das notícias “hard news” da Folha de S. Paulo (Brasil)



Fonte: Autoria própria.

Assim, a nosso ver, haveria na notícia, no discurso noticioso como um todo, o prenúncio de algo – via de regra, um alerta sobre o mal, fator muitas vezes responsável pela ruptura com práticas sociais consolidadas. Tal como ressalta Traquina (2005),

O mundo jornalístico pressupõe uma referência a uma noção de “normalidade” como ponto de referência fundamental. Assim a ruptura da normalidade consegue um lugar de referência. Na “Novaslândia”, o tempo está quase sempre muito nublado, com trovoadas, aguaceiros e rajadas de vento forte. Na “Novaslândia”, podemos dizer que os maus acontecimentos são ótimas notícias. As notícias não falam sobre a vida, mas sobre uma subespécie peculiar da vida – esses “momentos dramáticos”, nas palavras de Stephens, em que o feitiço da realidade quotidiana é quebrado pela queda de uma ponte, pela erupção de um vulcão, ou pela morte de um herói. Acrescenta Stephens (1988: 145): “O mundo aparece através das notícias como se fosse iluminado por uma strobe light – vemos poses exageradas, posturas desajeitadas, faces ameaçadoras, mas os movimentos seguros que podem dar significado a essas aparições têm

frequentemente lugar no escuro” (Traquina, 2005, p. 93; nossos grifos).

Deste modo, ao sugerirmos um predomínio do problema do mal nos noticiários, ficamos vindicados, estatisticamente, de que esta é uma proposição real e de que faz sentido postularmos a primazia de um fator negativo que se faz prevaLENcente em termos informacionais – assim, o negativo assume uma conotação ímpar no campo comunicacional. É necessário satisfazer uma necessidade epistemológica em termos noticiosos; é imperativo saber, dentro de uma determinada comunidade de interpretantes possíveis, os fatos diários que nos podem “atrapalhar” ou “ameaçar”. Trata-se de perceber que, antes mesmo de uma discussão sobre valores-notícia, sobre aquilo que seria a resultante da prática (Tuchman, 1978, p. 46 in Traquina, 2013), uma discussão axiomática se faz presente – e que se a divisão de tais valores-noticiosos se realiza pela maneira atual, isto se deve a que, em tese, eles se remeteriam a um princípio norteador, a um pressuposto condicionante, que aqui consideramos ser o problema do mal.

Aliás, propomos também que mesmo a construção da notícia, a estrutura noticiosa do lead, a fórmula do “Q + Q + Q + O + C + P” se remete ao requerimento básico para a elaboração de um conhecimento mínimo; que é impossível a construção de um conhecimento minimamente elaborado que não passe pela “imposição” e necessidade dessa fórmula. Essas seis questões que hoje estão atreladas ao lead são perguntas para as quais todos nós queremos alguma sorte de resolução – é difícil pensar na formação de uma significação para qualquer ocasião que não passe pela resposta destas esferas. Ademais, a estrutura do “Q + Q + Q + O + C + P” seria uma espécie de cristalização dos dados objetivos que precisamos saber para fazermos frente ao mal. O que sofre? Quem sofre? Quando sofre? Onde sofre? Como sofre? Por que sofre? Esses seis quesitos são as normas minimamente necessárias para nos abstermos do mal. Cabe nos questionarmos agora a respeito do porquê desta curiosa tendência; a saber, a respeito dos motivos que levaram o jornalismo contemporâneo a retratar o mundo de tal maneira.

4. As raízes nominalistas do jornalismo contemporâneo

Surgido no século XIX, na esteira de descobertas científicas como a eletricidade, o telégrafo e a prensa rotativa, o jornalismo passou a assumir um papel estratégico nas sociedades industrializadas. Simultaneamente a isto, na Europa, o nacionalismo despontava fortemente a partir da unificação dos países modernos que, conseqüentemente, iriam demandar uma voz forte e unificada. Dessarte, o

jornalismo rapidamente assumiu a função de transmissor de informações e opiniões de interesse de governos e grupos econômicos fortalecidos pela explosão de consumo e pela circulação de crédito para o financiamento da produção industrial, ganhando assim força econômica e política na nova organização social (Stephens, 1988).

Porém, apesar de alinhado aos interesses da burguesia industrial e de governos liberais, o jornalismo, enquanto atividade profissional e econômica, incorporou o discurso da objetividade, do distanciamento e da neutralidade que alimentava o debate científico daquela época. Dessa forma, as primeiras teorizações sobre o jornalismo aceitaram as premissas da epistemologia radicalmente empírica defendida pelos positivistas (Medina, 2008), assumindo, a nosso ver, que a experiência objetiva de fatos concretos é o fundamento último dos hábitos mentais que representam, por abstração indutiva, as regularidades identificadas tanto nos fenômenos da natureza quanto nos fatos sociais.

Na discussão gnosiológica mais ampla, o positivismo do século XIX pode ser definido como uma das manifestações do nominalismo. Por nominalismo entendemos a crença de que descrições de atributos gerais de objetos e estados de coisas no mundo não correspondem a entidades reais, ou seja, a predicados e categorias cuja realidade independe da observação empírica de indivíduos ou coleções finitas de indivíduos. Em contradistinção, entendemos por realismo a crença de que esses tipos de predicados e atributos gerais têm uma realidade independente de sua observação empírica. O fato de a ciência moderna ter se fundado sobre os pilares do nominalismo se deve, possivelmente, a uma tentativa de eliminar o componente metafísico de nossas teorias em um momento no qual o poder laico se afirmava sobre o religioso.

Seja como for, essas características nominalistas influenciaram o jornalismo sobremaneira – tanto como prática social quanto como campo de investigação científica. Por exemplo, o jornalismo se preocupa mais com a descrição (registro) de fatos isolados e suas causas do que com o entendimento de tendências gerais, propósitos e objetivos finais envolvidos. Além disso, adota como critério de importância e relevância para sua investigação o interesse de públicos-alvo bem definidos e limitados, o que acaba por gerar uma segmentação dos produtos jornalísticos de acordo com interesses que são frequentemente contrários entre si. Assim, a notícia é transformada em produto à venda e, tal como sugere Medina (1978), é elaborada por profissionais do jornalismo a fim de que possa ser comercializada por empresas jornalísticas em uma lógica de competição pela matéria-prima (a informação de interesse público).

Advogamos aqui a tese de que uma das consequências da filiação do jornalismo ao positivismo é justamente a centralidade da concepção nominalista de mal na cobertura jornalística como o próprio cerne epistemológico da

atividade. De fato, se a notícia é o cerne do jornalismo enquanto atividade, os critérios de noticiabilidade adotados nas teorias do jornalismo revelam claramente uma filiação nominalista. Tomemos a obra de Traquina (2005) como exemplo. Pensemos nos critérios de construção que o próprio pesquisador nos sugere: simplificação, amplificação, relevância, personalização e dramatização. O mal se oferece como uma alternativa tentadora à consolidação de qualquer um destes aspectos. Não é à toa que a anuência do pesquisador português é enfática nesse sentido; nem ele se furta a dizer que “acontecimentos inesperados como aspectos negativos parecem ter mais valor-notícia”, para em seguida, citando pesquisas anteriores¹⁶, concluir que “as más notícias são boas para o discurso noticioso” (Traquina, 2005, p. 75). Galtung e Ruge (1965), em seus estudos da década de 60, já haviam concebido uma perspectiva muito similar à nossa, uma vez que admitem que (a) notícias negativas satisfazem o critério de frequência, (b) são mais consensuais e inequívocas (isto é, todos sabem que guerras, estupros e assassinatos são instâncias a serem evitadas), (c) notícias negativas cabem em interpretações prévias, são mais consonantes ao que já se conhece e, por último (e paradoxalmente), (d) também são mais inesperadas, dando sobrevida aos jornais e meios de comunicação na medida em que estes sempre exigem o sentido da novidade. Terminam o ensaio propondo que quanto maior número de valores um fato possuir, maior será a sua capacidade de preencher os requisitos básicos de uma informação a ser propagada nos meios noticiosos, mas, tal como pontua Traquina (2005), ainda não há uma definição abrangente nesse sentido. Em todo o caso, ressaltamos aqui que é impossível se pensar na análise dos valores-notícia sem que o mal seja dado como lastro para tanto.

Qualquer fato de cunho negativo cabe nos parâmetros noticiosos propostos e tenderá a ser notícia. É quase como se a comunicação aventada nesses moldes exigisse que o valor-noticioso supremo, pressuposto de qualquer outro valor-notícia, fosse o problema do mal: com desgraças, guerras, corrupção, assassinatos, monopolizando a cobertura noticiosa *hard news*. A comunicação, proposta por este viés, leva-nos, invariavelmente, a um recorte diádico e, portanto, maniqueísta no julgamento dos fatos observados e filtrados como notícia. As consequências dessa epistemologia nominalista e de seu desdobramento em uma valoração dos fatos percebidos ora como bons ora como ruins podem ser constatadas na cobertura que a grande imprensa empreende atualmente (tal como observamos anteriormente por meio dos gráficos estatísticos). Percebemos que quanto mais a epistemologia positivista

¹⁶ Em sua obra, mais especificamente, Traquina faz menção ao estudo de Ericson, Baranek e Chan intitulado *Visualizing Deviance* (1987).

(e nominalista) se faz presente e enraizada na prática jornalística de uma sociedade, mais o mal se torna critério primordial de noticiabilidade, assim como podemos constatar na apreciação do noticiário *hard news*.

5. Considerações finais

O problema do mal é crucial para o campo da comunicação, e isso pode ser postulado desde o nascimento da história do jornalismo. Na construção noticiosa, apresenta um importante papel epistemológico que antecede, inclusive, a definição dos valores-notícia. Com base na definição de mal sugerida por Claudia Card, aventamos aqui a hipótese de que, ao nos comunicarmos, a primeira função que desejamos executar é a transmissão dos valores negativos; comunicamos primeiro aquilo que seja o mal (a tragédia, a ameaça, a morte, etc.) e só depois confabulamos a respeito do resto, pois o mal implica uma transformação direta do cotidiano. O mal, portanto, passa na dianteira em relação à representação dos fatos, pois há uma dissimetria acerca dos valores da vida; fatalmente o mal pode fazer desmoronar um padrão de conduta consolidado, o que pode resultar em uma ameaça a grupos sociais inteiros. Esse traço fundamental da comunicação humana, que predomina mesmo diante do amplo emaranhado de dados intersubjetivos que comunicamos uns aos outros, essa expressa necessidade de subentender o negativo na transmissão dos fatos, é a epistemologia conjunta do campo comunicacional e da notícia como um todo. A necessidade da comunicação humana em transmitir o mal resulta na construção da outra, a notícia. Mesmo as categorias fundamentais estabelecidas para a formação da notícia – resumidas na fórmula do “Q + Q + Q + O + C + P” –, que hoje desembocam no lead, não são unicamente o restado de uma equação econômica. A nosso ver, o que de fato acontece é que essa fórmula representa a cristalização dos dados objetivos que precisamos saber para fazermos frente ao mal no cotidiano e em sociedade. Surge, então, uma nova hipótese epistemológica para o campo da comunicação por meio da notícia.

Assim também podemos apontar a uma clara distinção entre o *newsmaking* entendido aqui como uma teoria da prática – aquilo que Gaye Tuchman (Tuchman, 1978, p. 46 in Traquina, 2013) uma vez chamou de “classificações surgindo da ação prática propositada” – e uma *epistemologia comunicativa* ainda mais geral e anterior, uma discussão acerca dos pressupostos que antecedem a própria prática. A razão de que o mal apareça em primeiro plano quando elencamos uma cadeia informativa se deve, a nosso ver, a uma avaliação valorativa prévia e anterior ao estabelecimento da prática jornalística. Nesse sentido, o que vimos nos dados estatísticos – o volume absolutamente majoritário de notícias ruins em veículos de comunicação

como a CNN e a *Folha de S. Paulo* – não deveria nos surpreender. Do ponto de vista quantitativo, os dados corroboram nossa hipótese – a de que notícias ruins sejam predominantes. As razões para essa curiosa inclinação, encontramos justamente no modo de estruturação do conhecimento humano a partir do aspecto comunicacional. O que o caso dos veículos analisados indica é que a organização de cunho epistemológico-comunicacional tenderia a se ancorar em juízos valorativos prévios – ou seja, juízos valorativos antecederiam o modo de avaliação dos dados informativos. A comunicação, portanto, e a notícia, que mais especificamente cristaliza essa necessidade, tenderiam a demonstrar o ponto de vista que assumimos aqui: que um juízo valorativo, o mal, condicionaria o viés informativo. Valores como o mal – no caso da comunicação o mais importante deles – subjazem à construção da notícia antes mesmo de o jornalista sair à rua. Não é à toa, portanto, que a notícia seja condicionada por ele.

Referências

- ALBERT, P.; TERROU, F. 1990. *História da imprensa*. São Paulo, Martins Fontes, 121 p.
- CARD, C. 2002. *The Atrocity Paradigm: A Theory of Evil*. Oxford, Oxford University Press, 284 p.
- DE LACERDA, R.; DE LACERDA, H.; ABREU, E. 2004. *Dicionário de provérbios: francês, português, inglês*. 2ª ed. São Paulo, Editora UNESP, 762 p.
- LEGG, A.M.; SWEENEY, K. 2013. Do You Want the Good News or the Bad News First? The Nature and Consequences of News Order Preferences. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 40(3):279-288.
- GALTUNG, J.; RUGE, M.H. 1965. The Structure of Foreign News. The Presentation of the Congo, Cuba, and Cyprus Crisis in Four Norwegian Newspapers. *Journal of International Peace Research*, Oslo, 2(1):64-91.
- MADDEN, E.; HARE, P. 1968. *Evil and the Concept of God*. Springfield, Charles C. Thomas, 142 p.
- MEDINA, C. 1978. *Notícia – Um produto à venda*. São Paulo, Alfa Ômega, 191 p.
- MEDINA, C. 2008. *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo, Summus, 120 p.
- STEPHENS, M. 1988. *A History of News*. New York, Penguin Books, 401 p.
- TRAQUINA, N. 2005. *Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são*. 2ª ed. Florianópolis, Insular, 224 p.
- TRAQUINA, N. 2013. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. 3ª ed. Florianópolis, Insular, 206 p.
- WITTGENSTEIN, L. 2001. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luis Henrique Lopes dos Santos. São Paulo, Edusp, 281 p.

Artigo submetido em 31-08-2020

Aceito em 25-01-2021